

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

193

INSCRIÇÕES 711-712



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2019

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas

Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



GRAFITOS DE ALCÁCER DO SAL (*SALACIA*)
(*Conventus Pacensis*)

711-1

Fundo de prato constituído por 11 fragmentos, recolhidos nos inícios do ano de 1995, nas escavações arqueológicas no Convento de Nossa Senhora de Aracoelli, sector C., que permitiram obter o seu perfil completo, em *terra sigillata* itálica ou de produção das sucursais de Lyon, olaria de La Murette (Gália). Por não se ter encontrado nenhum fragmento da parte superior do mesmo, tornou-se impossível indicar uma classificação tipológica.

Gravaram-se, do lado externo e após a cozedura, três letras: C P F. Nota-se que houve hesitação ou emendas no acto de gravação, pela repetição dos traços, mais visível em relação ao C.

Ainda que possa, naturalmente, parecer estranho, a primeira ideia que surge é a de ver aí as siglas dos *tria nomina* identificativos do destinatário do lote, em genitivo, do tipo: C(*aii*) P(*ublii*) [?] F(*elici*) [?].

Fórmula de saudação ou de esconjuro não seria plausível; por outro lado, se o F final leva a pensar em F(*ecit*), não é forma de o oleiro se identificar, até porque temos a respectiva ‘assinatura’: CERDO / L(*ucii*) ANNI(*i*) – «Artesão de Lúcio Ânio». A coincidência, porém, da sigla inicial com a primeira letra de *Cerdo* induz a repensar essa hipótese – C(*erdo*) P(...) F(*ecit*). E que significaria P? – P(*atrono*)? P(*atri*)?...

De notar a designação: *Cerdo* é forma de identificar o artesão da mais baixa condição; sendo, verosimilmente, escravo de Lúcio Ânio, ao senhor se referiria como *domino* e não como *patrono*. E, por ainda maior razão, *patri* é de excluir.

Além do grafito, o prato possui, como acaba de se referir, marca de oleiro, em cartela rectangular, dividida ao meio por um traço na horizontal e terminando, à direita, com palma na vertical. Na primeira linha, está inscrito o nome do executante/escravo CERDO e na segunda o dono da olaria L(ucii) ANNI(i).

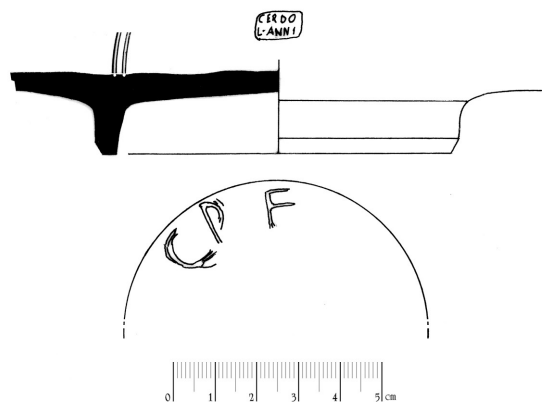
A marca está referenciada no *Corpus Vasorum Aretinorum*¹, quando se trata do oleiro *C. Annius*; contudo, no desenho aí apresentado (FIG. 711), lê-se claramente L. ANNIVS, como no caso ora em apreço, parecendo-nos, portanto, ter havido um lapso por parte dos editores, sendo passível de aceitar, por vezes, a dúvida na leitura de C por L ou vice-versa visto ser o oleiro *L. Annius* estudado mais adiante nesse volume. Em todo o caso, como se vê no texto que reproduzimos, põe-se a hipótese de a oficina ser de Arezzo e/ou Lyon. No volume sobre as produções antigas de Lyon, o que aparece é, de facto, C(aius) *Annius*.²

Podemos adiantar como cronologia, para esta peça, o período que medeia entre 15 a. C. e 10/25 d. C., datação confirmada através do tipo do pé, Consp. B 2.4, característico das produções de pratos em tempos de Augusto.

137	(83h)	23 entries
	C. ANNIVS, slave CERDO	
	Internal stamps on plain ware	
	Location: Arezzo/Lyon	
	Approx. date: 15 BC–AD 5	
1*		21 277
2		1 416
3		9 046 Scale?
4*		21 200

¹ OXÉ (August), HOWARD (Comfort) e HENRICK (Philip), *Corpus Vasorum Aretinorum*, Bona, 2000, p. 97, n° 137.3.

² DESBAT (Armand), GENIN (Martine) e LASFARGUEDS (Jacques), *Les Productions des Ateliers de Potiers Antiques de Lyon*, Paris: Éditions CNRS, 1997, p. 195, s. v. «Annius».



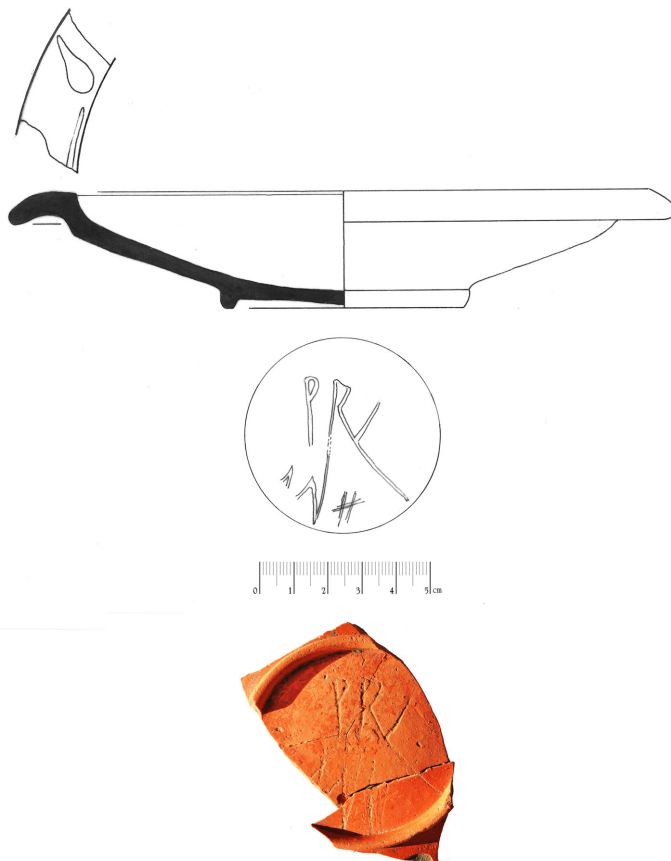
711-1

711-2

Conjunto de oito fragmentos que, depois de colados, permitiram obter o perfil completo de uma taça em *terra sigillata* africana da forma Hayes 3a. A cronologia deste tipo de taças é normalmente considerada como pertencente a produções da 2ª metade do séc. II d. C.

Os fragmentos foram exumados na *natatio* da *villa* romana sita em Santa Catarina de Sítimos, Alcácer do Sal (nº. inventário S.Cat/01/06), durante os trabalhos arqueológicos que ali decorrem.

Ostenta um grafito que foi gravado, com a massa ainda por cozer, esguio, com estilete à mão levantada, de cima para baixo na perna vertical e a curvatura (angulosa) da esquerda para a direita. O traço do R é paralelo ao do P e o escriba deixou-se levar pelo gesto final, de modo que – diminuindo de profundidade – a perna se alonga até ao debrum. Não há, por isso, um vértice claro; no entanto, criou-se um, no final do sulco mais carregado, a fim de sair daí, para cima, o que é susceptível de se interpretar como I.



711-2

Abaixo, ainda que haja apenas a metade superior, M não oferece dúvidas. Terá de seguida I, embora de sulco quase a picotado (dir-se-ia) e sem a profundidade dos outros caracteres. O facto de estar paralelo à perna do M é que leva a considerar uma letra. Ler-se-ia, pois:

PRI/MI
«De Primo».

Sugere-se, por consequência, a hipótese de se ter gravado o genitivo de posse de *Primus*. É um antropónimo etimologicamente latino, frequente no panorama epigráfico peninsular, não sendo possível atribuir ao seu possuidor um estatuto social definido.

711-3

Fragmento da parede inferior de taça bilobada em *terra sigillata* sudgálica de produção das olarias de La Graufesenque (Tarn). Apresenta ainda a inflexão para o lóbulo superior. Taça da forma Drag. 27, de longa produção nas olarias da Gália e suas congéneres hispânicas num período que abrange desde 15 d. C. até finais do século II d. C.

O fragmento faz parte do espólio recolhido no sítio “Silo” em meados do ano de 1995, durante as escavações arqueológicas levadas a cabo no Convento de Nossa Senhora de Aracoelli.

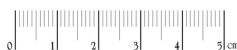
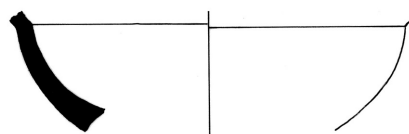
No bojo exterior foi riscado um grafito. E escolhe-se o termo ‘riscado’, porque dá mesmo a impressão de ter sido esse o caso, ao contrário do que é mais habitual, a gravação antes da cozedura; aqui, o aspecto lascado dos sulcos sugere, de preferência, uma incisão após cozedura.

Do N, por exemplo, riscaram-se primeiro a barra oblíqua e a perna da direita, tendo a da esquerda traçado vertical mais ténue. O I, por seu turno, tem sulco profundo e levemente abaulado, como que a seguir a curvatura do bojo. A letra seguinte, de tamanho quase duplo das demais, cremos ser L minúsculo; o esborcinado do termo superior poderia induzir a ver aí a barra de um T, ligeiramente oblíqua, mas não se

afigura normal, atendendo a que havia espaço bastante para essa barra, mais ou menos à altura das outras letras. Não parece legítimo duvidar-se do I seguinte, bem vertical e, de seguida, assemelhando-se à parte direita do N, um V de haste da esquerda mais curta. Não sendo vulgar uma terminação em V, afigura-se plausível reconstituir S no final. Assim sendo, teríamos

NILIV[S]

Se não é a terminação de uma palavra começada acima (estamos a pensar em *Manilius*, designadamente), a aproximação com vocábulos ‘próximos’ levar-nos-ia ao hidrónimo *Nilum* ou uma forma aparentada com o advérbio *nihil*, cujo *h* por vezes desaparece. Estas aproximações não levam, todavia, a um caminho mais ou menos seguro. A possibilidade de estarmos perante um diminutivo (*Nilius* por *Manilius*) já se nos antoja com laivos de maior credibilidade – e essa hipótese propomos.



711-3

Base de prato completa, em *terra sigillata* sudgálica de produção das olarias de La Graufesenque (Tarn). O perfil do pé e o facto de a sua parte central estar elevada são características que permitem, quando conjugadas com a marca do oleiro envolvido na sua modelação, a sua inclusão na forma Drag. 15/17.

O prato possui marca de oleiro, em cartela rectangular, de cantos arredondados, na qual se lê SECVND, que laborou nesta olaria entre os anos 65 e 91, ou seja, na época flávia. O oleiro é *Secundus*, como se lê na marca: OF(*ficina*) SECVND(i), com o triplo nexu VND.

No fundo do prato foram gravados, antes da cozedura, quatro diâmetros, que – em estrela – dividiram o círculo em 8 sectores circulares sensivelmente iguais.

Pretendeu-se identificar a peça ou, mais provavelmente, marcar o começo do lote de um dos clientes da olaria, no momento em que os objectos eram dispostos na fornada.

O fragmento foi exumado nos finais do ano de 1996, nos claustros do Convento de Nossa Senhora de Aracoelli na zona da “arcaria norte/zona coberta”. Possui o número de inventário – INV. 1101.

Conclusão

Estamos perante um lote demasiadamente exíguo para se lavrarem conclusões de índole geral, ainda que as peças sejam provenientes todas do mesmo local e pertençam sensivelmente ao mesmo período: séculos I e II da nossa era.

Dir-se-á, contudo, que é amostra significativa pelas questões que levanta:

a) Três siglas seguidas deverão ser consideradas, sem mais, como indicativas de *tria nomina*?

b) O grafito em cerâmica de qualidade – como o é a *terra sigillata* – em que, como aqui, também foi impresso o selo do oleiro, corresponde exclusivamente à marcação de um lote, sendo essa peça recusada depois? Ou, pelo contrário, assinala já o interesse em que venha a ser oferecida a alguém?

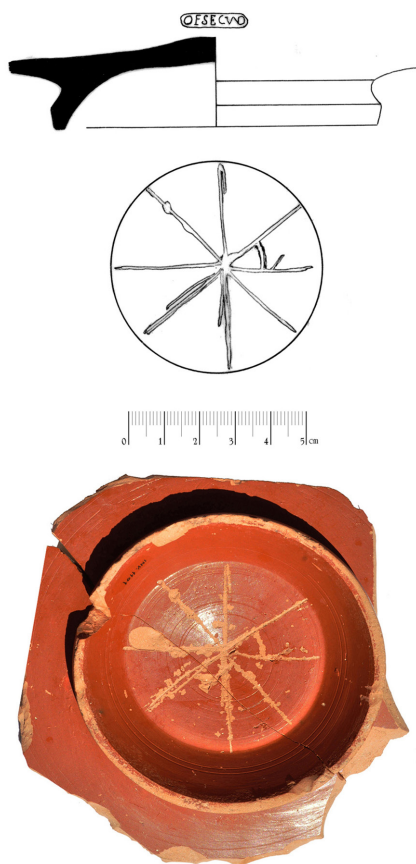
c) Já se advogou a eventualidade de também os Romanos

terem usado antropónimos em diminutivo³. A proposta de *Nilius* ser justamente o diminutivo de *Manilius* terá exemplos a aboná-la?

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

MARISOL FERREIRA

EURICO SEPÚLVEDA



711-4

³ ENCARNÇÃO (José d'), «Apostilas epigráficas – 8», *Liburna* 13, Nov 2018, p. 45. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/81370>

MILIÁRIO DA RAPOSEIRA (FAIA, SERNANCELHE)
Conventus Scallabitanus

Está o miliário a servir de suporte ao pequeno telheiro de uma habitação¹ no lugar da Raposeira, freguesia de Faia, concelho de Sernancelhe, que já se conhecia desde 2003, na sequência da notícia publicada pelo abade Vasco Moreira², que o viu «no jardim de uma habitação particular». Foi com base nessa referência, que António Costa³ o citou, sem, porém, algo adiantar acerca da sua leitura, pois tudo se considerou ininteligível.

De granito, sofreu o natural desgaste da erosão e das reutilizações como coluna e, que saibamos, nunca a sua leitura foi feita. Também nós não temos a pretensão de a apresentar com o rigor que merecia, designadamente porque, por mais fotografias que lhe tenhamos feito, com luz diversa e diferenciadas posições, há dúvidas que teimosamente

¹ FIG. 1. Agradecemos à sua proprietária, D. Lisete Pessidónio, as facilidades concedidas para o seu estudo.

² A 1ª edição do livro do abade, *Terras de Beira – Sernancelhe e o seu Alfoz*, data de 1929. Foi reeditado pela Câmara Municipal de Sernancelhe, em 1997.

³ *Carta Arqueológica de Sernancelhe*, Câmara Municipal de Sernancelhe (PROGRIDE Projecto “Viver Melhor”), 2007, p. 53.

subsistem. Não queremos, porém, deixar de contribuir, ainda que deficientemente, para a sua melhor compreensão, na medida em que, se não logramos fazer a leitura completa, há, pelo menos, como se verá, aspectos que, pela sua relevância, poderão contribuir desde já para mais cabal compreensão da rede viária romana da zona. A outros deixaremos a oportunidade de, com outros meios e conhecimentos, melhor e mais completa restituição lograrem alcançar. Daí que, também por isso, disponibilizemos seis das fotografias feitas.

Dimensões:

Cerca de 117 cm de altura, 33,5 cm (diâmetro no topo/ parte superior); 108 cm (perímetro na parte superior); 116 cm (perímetro na parte inferior, junto ao chão).

Proposta de leitura:

[DOMINO NOSTRO] / IMP(eratori) / [C]AES(ari) / [CONST]ANTINO / [PIO FEL]ICI [?] / [... A]ETERN[O] / [SEMP]ER AVG(usto) / [...]

Altura das letras: 6/11 cm.

Reconhecemos que a nossa proposta padece de muitas dúvidas no pormenor. Contudo – e isso nos encorajou a meter ombros à elaboração desta ficha – afigura-se-nos assaz admissível ser o imperador Constantino que é nomeado aqui. Se há, no final, como noutros casos acontece, um dedicante – particular ou colectivo – ou se, simplesmente, como se tem visto⁴, a utilização do dativo insinua velada homenagem ao poder imperial, mais a marcar a sua presença pelas vias do Império do que a informar de distâncias, não se nos afigura relevante neste caso, até porque não se antoja uma resposta, fundamentada no que não se lê.

⁴ ENCARNÇÃO (José d'), «Miliários da Geira: informação e propaganda», *Cadernos de Arqueologia* 12-13 1995-1996 39-43. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/28576>.

Os poucos caracteres que lográmos identificar permitiram abalançar-nos a encontrar, aqui e além, os habituais epítetos do imperador, patentes, por exemplo, na epígrafe de Córdoba CIL II 2203 (revista na nova edição – CIL II²/7, 263), onde o imperador vem designado *D(omino) n(ostro) Imp(eratori) Caes(ari) / Flav(io) Val(erio) Constantino Max(imo) / Pio Felici Aeterno Aug(usto)*... Pareceu-nos possível e... aí deixamos à consideração de todos a proposta e, sobretudo, as fotografias, na expectativa de que possam ajudar.

Aproveitámos para consultar a obra mais recente sobre as vias da zona, com a finalidade de se verificar se esta menção ao imperador Constantino – que reinou, recorde-se, de 301 a 337 e aqui surge sozinho – se poderá ajustar ao que já nesse âmbito se conhece. Vendo no mapa, o actual território de Sernancelhe poderia ficar no enfiamento da via que, de *Emerita Augusta*, passando pela *civitas Igaeditanorum*, seguia para Lamego, «capital dos *Coilarni*», como lhe chamou João Vaz⁵, em direcção a *Bracara Augusta*. Postular-se-ia, atendendo ao princípio e ao termo dessa via, fundações de Augusto, que a maioria dos miliários fosse do dealbar do Império; quiçá não seriam precisos, ainda que outros vestígios romanos datáveis do século I aí sejam evidentes. Recortáramos, porém, porque vem ao nosso encontro, a afirmação de Vasco Mantas, em relação a uma zona mais a sul, a de Valhelhas, que estaria, no entanto, nesse percurso. Depois de se referir à abundância de miliários, acrescenta:

«Estes miliários, quando legíveis, pertencem maioritariamente a imperadores dos séculos III e IV, com destaque para Tácito e para os tetrarcas»⁶.

Recorde-se que um dos mais recentes achados de um miliário atribuído a Constantino foi identificado em Tramagal (Abrantes), mais a sul ainda, portanto, e no âmbito de uma

⁵ VAZ (João L. Inês), *Lamego na época romana, capital dos Coilarnos*, Associação para a Valorização e Defesa do Património do Vale do Douro, Lamego, Outubro/2007.

⁶ MANTAS (Vasco Gil), *As Vias Romanas da Lusitânia* [Série *Studia Lusitana* nº 7], Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, 2012, p. 243.

outra via, a de *Olisipo / Emerita*⁷.

Não estaríamos, pois, em má companhia. Aliás, a região detém provas evidentes de mui prolongada permanência dos Romanos. Anote-se que já Jorge Alarcão, no *Roman Portugal*, no que se refere ao que de romano se encontrou em Sernancelhe, escreve: «Cerâmica de construção e doméstica, uma moeda de ouro de Arcádio, um tesouro de moedas cuja cronologia e composição se desconhecem»⁸. Arcádio reinou, no Oriente (note-se!), de 395 a 408.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
JOSÉ CARLOS SANTOS



1

⁷ SILVA (Joaquim Candeias da), «Mais um miliário de Constantino Magno na área limítrofe de Abrantes», *Ficheiro Epigráfico* 81, 2006, inscrição nº 363.

⁸ ALARCÃO (J. de), *Roman Portugal*. Warminster: Aris and Phillips Ltd., 1988, vol. II – fasc. 1, p. 57, 4/86.



2



3

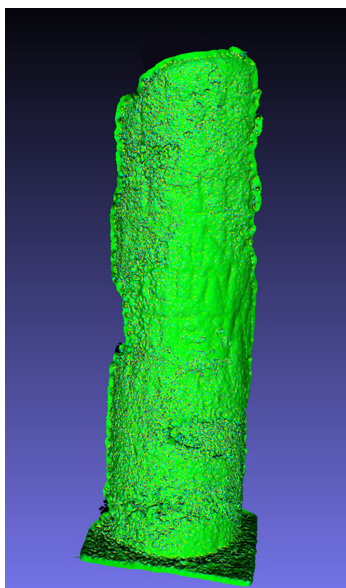


4

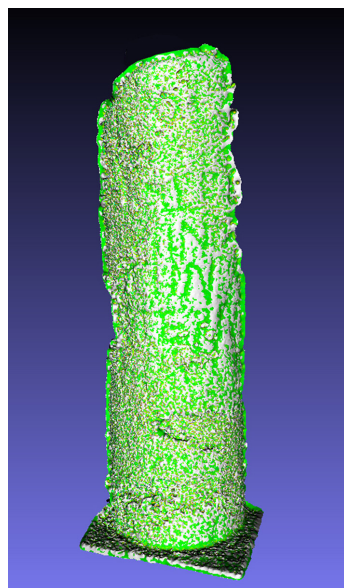


5

712



6



7

712